

## **A GRADUAÇÃO E DEPOIS: o curso de Jornalismo da UFPR na visão de egressos<sup>1</sup>**

Myrian Regina Del Vecchio de LIMA  
José Carlos FERNANDES  
Hendryo ANDRÉ  
(Universidade Federal do Paraná / UFPR)

### **INTRODUÇÃO**

O texto explora dados da pesquisa *Jornalismo brasileiro: seus aspectos teóricos e suas práticas condicionados pelas tecnologias em um fluxo histórico*<sup>2</sup>, desenvolvida pelo grupo *Click: Comunicação e Cultura Ciber*, da UFPR. O estudo faz um primeiro desenho do perfil dos egressos do curso de Jornalismo da instituição, com recorte temporal entre 2011 e 2020, período no qual houve reconfigurações na profissão impulsionadas pela disseminação das tecnologias digitais (Pereira, 2020; Adghirni, 2011). As mudanças resultaram na diminuição de leitores e perda de credibilidade da imprensa, deslocamento da publicidade para o meio digital e demissões em massa (Bertolini, 2017), e exigem estudos direcionados à formação e à inserção no mercado de trabalho.

### **PERFIL DE EGRESSOS**

O método utilizado foi o quantitativo, por meio da aplicação de um *survey* que explora o perfil e a avaliação que egressos fazem do curso de Jornalismo. Foram selecionados 200 estudantes formados entre 2011 e 2020. Obteve-se 90 respostas.

Dos respondentes, 70% se identificam com o gênero feminino e há uma presença majoritária de pessoas brancas (87,8%). As representações “amarelo(a)” e “preto(a)” estão presentes apenas nas respostas das pessoas de até 25 anos, com entrada no curso a partir de 2015. A resposta “pardo(a)” aparece dentre os que têm entre 26 e 30 anos e 31 e 40 anos. Essas variações estão relacionadas aos movimentos internos da implantação do sistema de cotas raciais e sociais na UFPR, iniciado em 2004.

No campo da renda familiar, os egressos estão majoritariamente recebendo mais de oito salários mínimos. Contudo, 53,2% das mulheres têm a receita familiar com no máximo seis salários mínimos, resultado que indica disparidade salarial.

---

<sup>1</sup> Resumo expandido apresentado no GP Produção Científica, no VI Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejor Sul).

<sup>2</sup> O questionário foi montado pelos autores e enviado a uma lista de egressos pelos estudantes de iniciação científica Marina Anater, Gabriel A. Leão, Francisco Camolezi e Flávia Keretch.

Nos itens relativos à vida universitária, registra-se, durante o curso, que houve predomínio de atividades relacionadas à prática da profissão de jornalista em detrimento das atividades teóricas – 78% não realizaram iniciação científica; 70% passaram pela extensão universitária e 97% fizeram “práticas laboratoriais”. No período, o estágio não era obrigatório, mas 92% o realizaram, indicando o desejo de atuar como jornalista e/ou complementar a renda. A iniciação científica foi considerada “indiferente” para a formação profissional por 63% dos participantes. Paralelo, 73% responderam que a participação na extensão universitária gerou impacto em algum nível (muito importante ou importante) na profissionalização.

No quesito aprendizado de conteúdos digitais, o resultado é de insatisfação. Apenas 2,9% de aprovação entre os egressos de 2011 a 2015; 11,5% entre os de 2016 a 2018; e de 15,4% entre os de 2019 e 2020. Quanto à efetivação dos egressos, 84,5% dos ex-estudantes esperaram até um ano para serem contratados, à revelia de uma suposta defasagem digital, o que os tornaria menos competitivos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dada a ausência das entrevistas em profundidades e grupos focais, a serem realizados na segunda fase da pesquisa, o resultado é ainda pouco conclusivo. Restam possibilidades e questões em aberto a serem exploradas, a exemplo das percepções sociais e raciais: cerca de 87% se identificam como brancos num contexto que reserva pelo menos 20% das vagas do vestibular para cotas raciais, o que pode sugerir menor preenchimento das vagas e/ou alta taxa de evasão dos cotistas.

Chama atenção o número de extensionistas: apenas 21% declararam não realizar extensão, sendo a análise anterior à curricularização da extensão.

A pesquisa aponta permeabilidade dos ex-estudantes no mercado de trabalho (84,4% são contratados após um ano de formação), porém, 34,2% trabalham fora da área da comunicação e só metade tem carteira assinada. É importante mapear as estratégias de contratação e exploração do mercado para com os jornalistas formados, uma vez que, como apontam outras pesquisas (Adghirni, 2005; Fígaro, 2014), essas estratégias podem tender para a precarização.

## **REFERÊNCIAS**

ADGHIRNI, Z. L. O Jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 45-57, 2005.

BERTOLINI, J. Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. **Animus**, Santa Maria, v. 16, n. 31, 2017.

FIGARO, R. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações do século XXI. **Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 23-37, 2014.

LIMA, S. P.; MICK, J. et al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

PEREIRA, F. H. **As diferentes maneiras de ser jornalista**: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro. Brasília: Editora UnB, 2020.

PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, n. 24, p. 38-57, 2011.